

10º FÓRUM DE ECONOMIA

*Política Cambial, Estrutura Produtiva e Crescimento
Econômico: fundamentos teóricos e evidências empíricas
para o Brasil*

Eliane Araújo

São Paulo, 01 de outubro de 2013

Objetivos

Geral:

O objetivo deste artigo é analisar o perfil da estrutura produtiva brasileira e de que forma este foi impactado pelo regime de câmbio vigente.

Específicos:

- Associar a especialização produtiva com o crescimento econômico
- Identificar o perfil da estrutura produtiva brasileira e seus reflexos no comércio exterior
- Relacionar a estrutura produtiva e a taxa de câmbio no Brasil
- Apontar experiências internacionais de utilização da taxa de câmbio como impulso à indústria

Especialização produtiva e crescimento econômico

A industrialização, na tradição estruturalista, desempenha papel central em uma economia autônoma.

Assim, as transformações das estruturas de produção e os padrões de especialização são cruciais para o entendimento do processo de crescimento econômico dos países em desenvolvimento.

A estrutura produtiva se reflete no comércio exterior: exportações de produtos intensivos em tecnologia e diferenciados evidenciam uma estrutura baseada em manufaturados que possuem maior potencial de inovação tecnológica e ganhos de produtividade

Especialização produtiva e crescimento econômico

Evidências empíricas mostram a existência entre padrões de especialização e crescimento econômico em países em desenvolvimento (Ocampo e Parra, 2006 – 96 países em desenvolvimento, 1980-2002). O crescimento nesses países está:

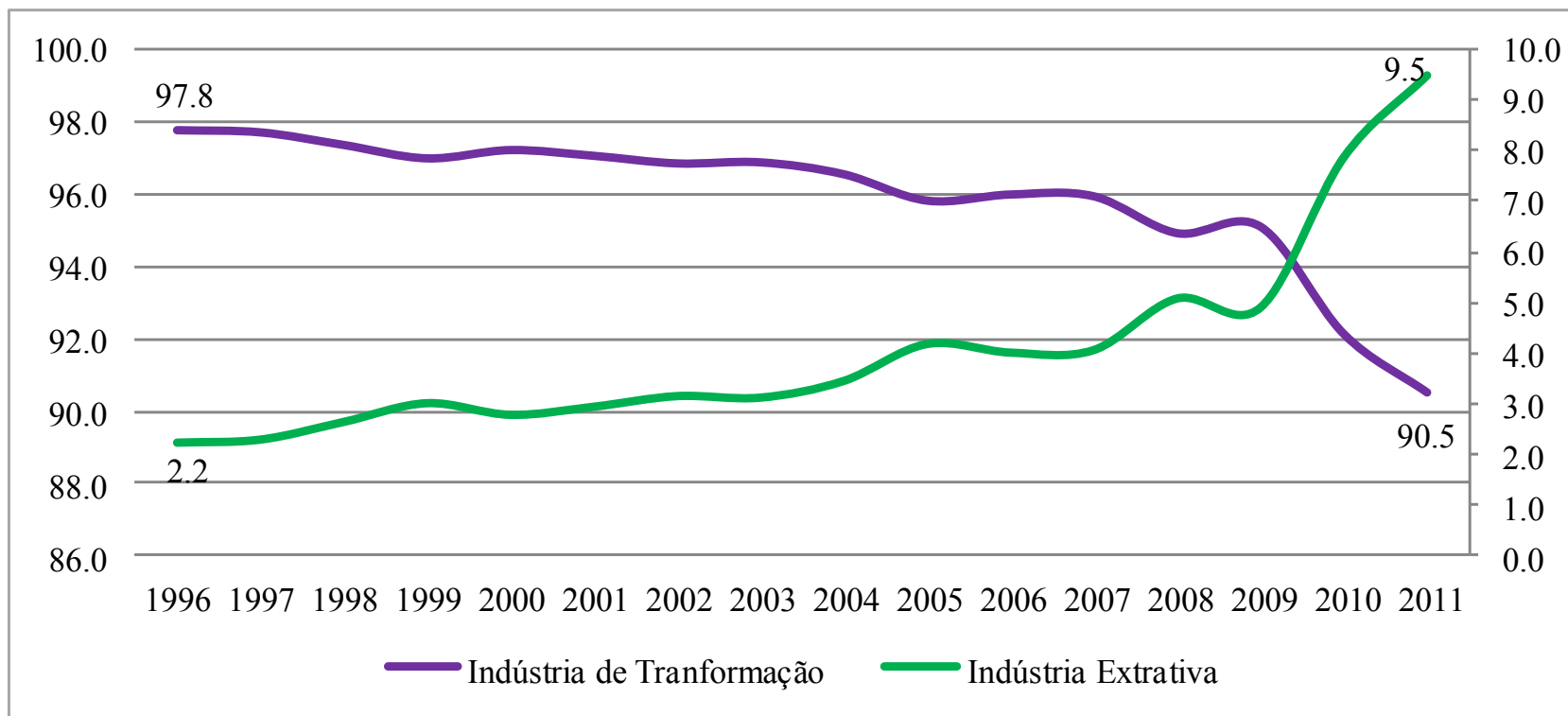
- Negativamente correlacionado com a dependência contínua de bens primários e intensivos em recursos naturais,
- Positivamente correlacionado com a diversificação em direção a produtos manufaturados de média e alta tecnologia;
- Sem nenhum padrão claro quando se trata de sua correlação com as exportações de produtos manufaturados de baixa tecnologia.

Especialização produtiva e crescimento econômico

- Há grande diferença nas taxas médias de crescimento a favor dos países com transformação dos padrões de especialização para exportações de alta tecnologia
- O desempenho de países especializados em setores intensivos em recursos naturais, mesmo com aumento de *market share* é inferior.
- Países que baseavam suas exportações em produtos primários e intensivos em recursos naturais em 2002 não cresceram nas duas décadas anteriores.
- Os países que mais cresceram haviam se especializado em recursos não-naturais ou apenas em produtos de alta tecnologia.

Perfil da estrutura produtiva brasileira

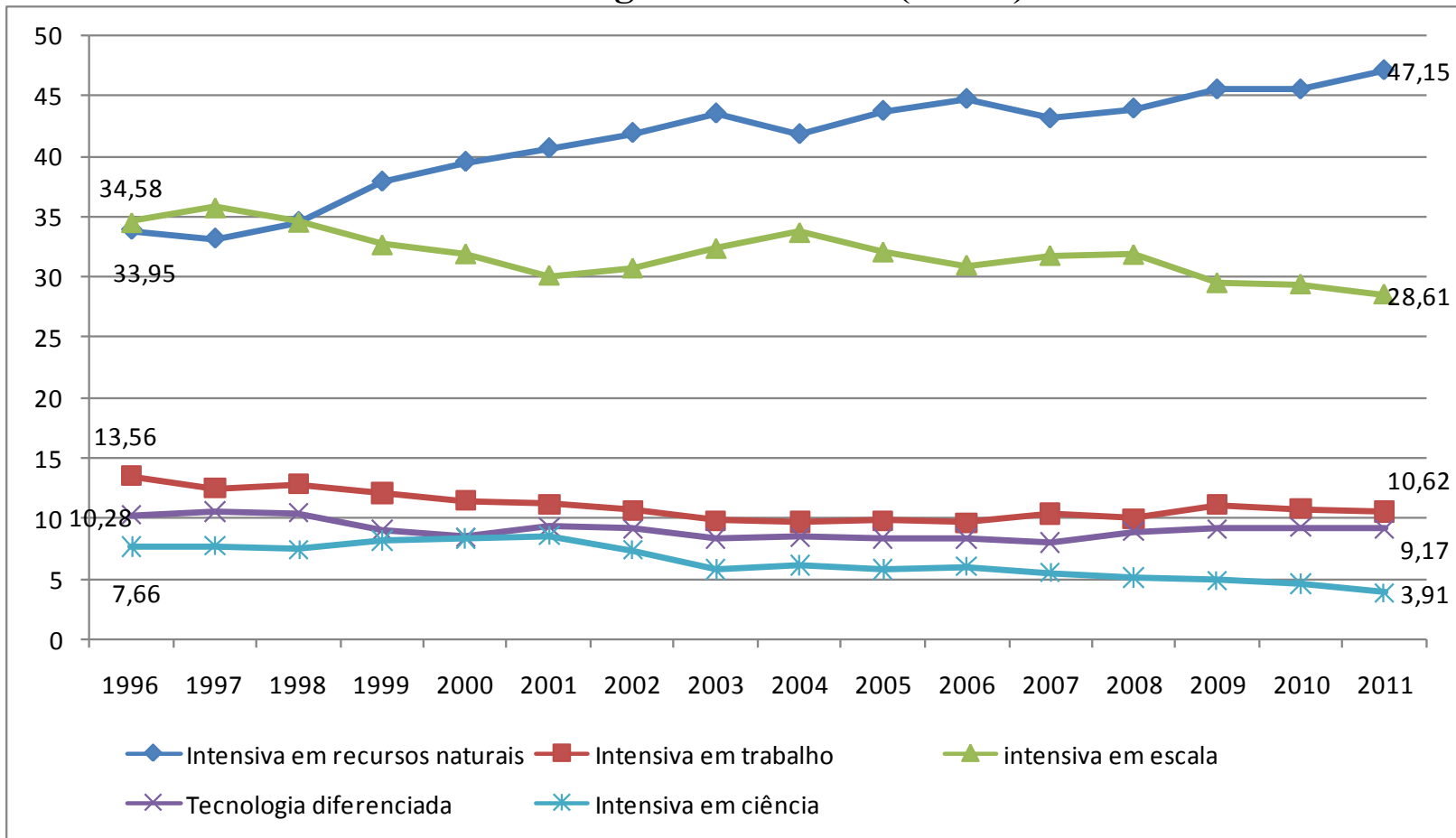
Gráfico 2 - Composição do valor da transformação industrial brasileira por setor de atividade – 1996-2011 (em %)



Fonte: IBGE-PIA (2013). Elaboração dos autores.

Perfil da estrutura produtiva brasileira

Gráfico 3 – Composição do valor da transformação industrial brasileira por tipo de tecnologia – 1996-2011 (em %)



Fonte: IBGE-PIA (2013). Elaboração dos autores.

Perfil da estrutura produtiva brasileira

A análise da estrutura do valor da transformação industrial segundo parâmetros tecnológicos, evidencia mudanças especialmente nos extremos dos setores industriais.

Em uma ponta, a indústria intensiva em recursos naturais vem ampliando significativamente sua importância no valor da transformação industrial, superando o peso relativo do setor intensivo em escala e ficando bem próxima da metade do total da indústria.

Na outra ponta, a indústria intensiva em ciência segue perdendo espaço.

Reflexos da estrutura produtiva no comércio exterior

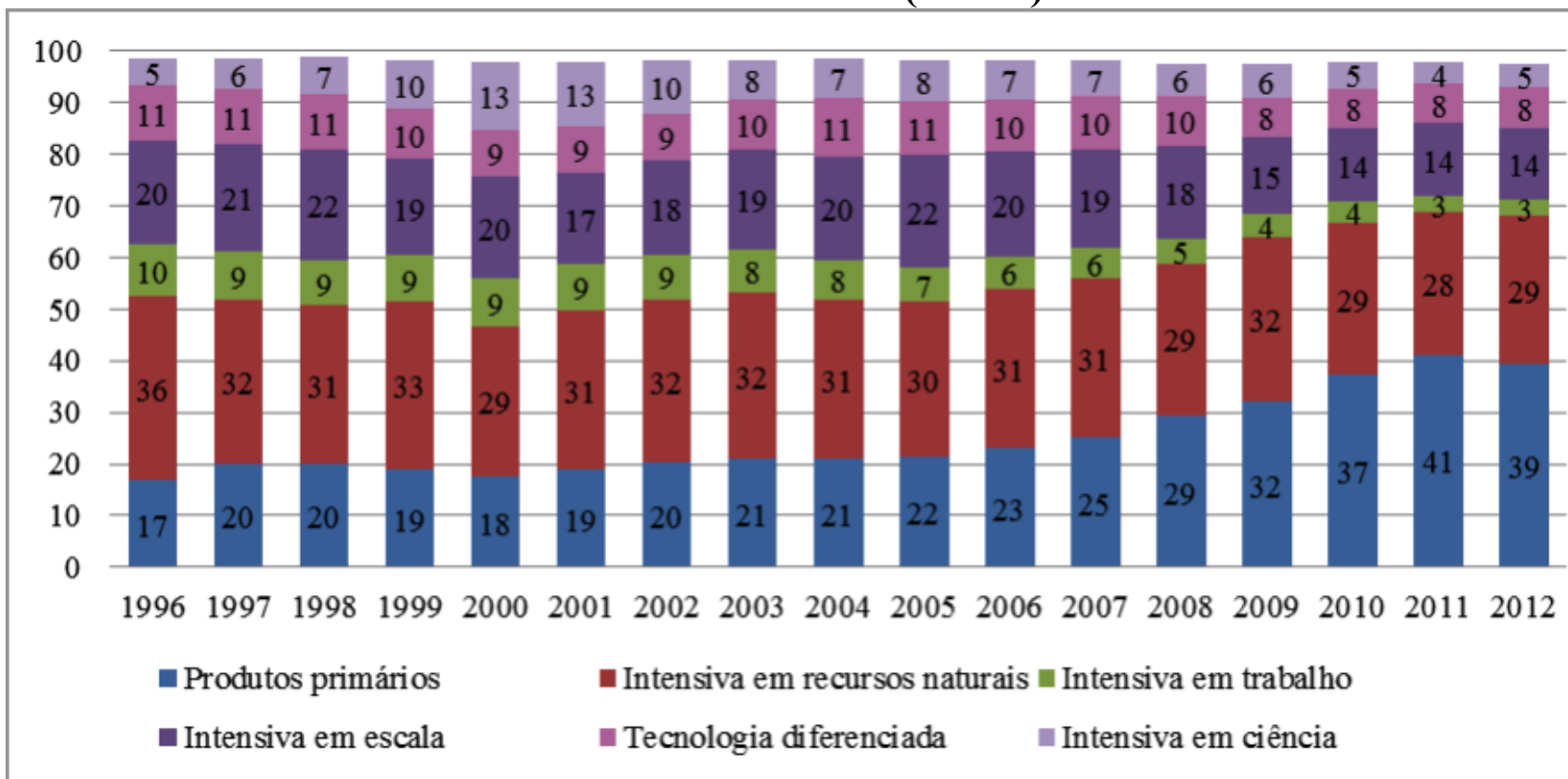
**Tabela 1 – Saldo setorial do comércio internacional
Brasil - 1996-2012 (em US\$ milhões)**

Ano	Produtos primários	Intensiva em recursos naturais	Intensiva em trabalho	Intensiva em escala	Tecnologia diferenciada	Intensiva em ciência
1996	-1,474	5,441	984	1,685	-5,123	-7,741
1997	2,026	4,579	837	1,122	-7,354	-8,863
1998	2,962	3,975	869	644	-7,773	-7,890
1999	2,734	5,337	1,560	1,810	-6,816	-6,730
2000	1,734	3,561	2,084	2,799	-5,821	-6,157
2001	3,670	6,471	2,442	1,866	-7,522	-5,426
2002	4,917	9,311	2,717	4,341	-5,367	-3,760
2003	6,699	13,225	3,722	7,467	-2,912	-4,553
2004	7,780	16,492	4,350	10,674	-591	-6,336
2005	11,853	20,444	4,242	14,595	-1,311	-7,072
2006	14,543	23,649	3,754	14,089	-2,152	-10,014
2007	18,594	22,839	2,612	11,582	-5,916	-12,636
2008	26,046	18,085	150	6,737	-12,210	-18,668
2009	29,867	24,276	-1,427	-1,512	-13,984	-15,814
2010	50,278	21,339	-3,441	-7,803	-20,513	-23,808
2011	72,308	17,443	-5,885	-9,186	-22,856	-27,649
2012	64,249	18,408	-7,265	-10,547	-22,972	-28,016

Fonte: Funcex (2013). Elaboração dos autores.

Reflexos da estrutura produtiva no comércio exterior

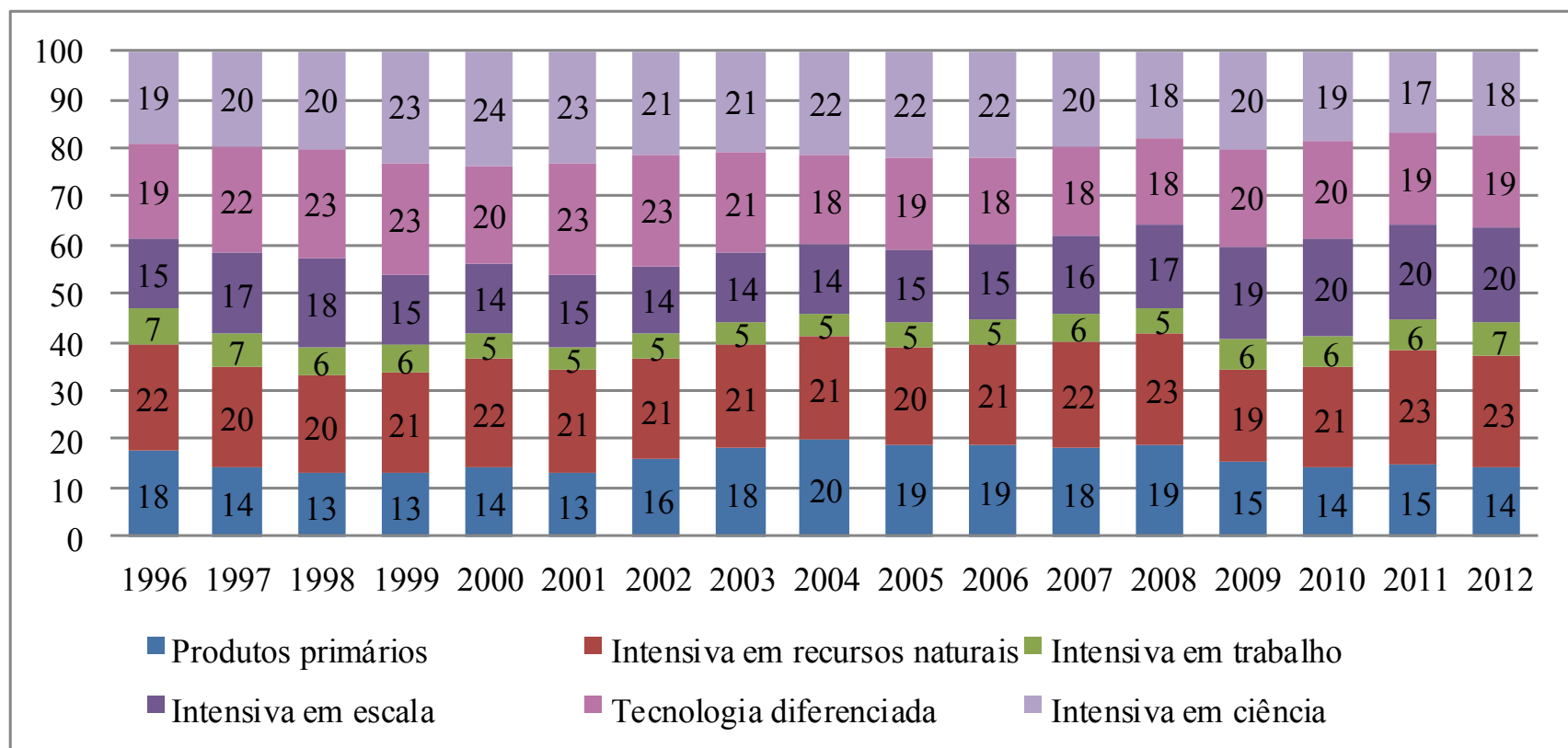
Gráfico 7 – Composição setorial do valor das exportações
Brasil - 1996-2012 (em %)



Fonte: Funcex (2013). Elaboração dos autores

Reflexos da estrutura produtiva no comércio exterior

**Gráfico 8 – Composição setorial do valor das importações
Brasil - 1996-2012 (em %)**



Fonte: Funcex (2013). Elaboração dos autores

Reflexos da estrutura produtiva no comércio exterior

índice de especialização, desenvolvido por Balassa (1965, p. 99-123). A fórmula do indicador é:

$$VCR = \frac{X_{ij}/X_j}{X_i/X}$$

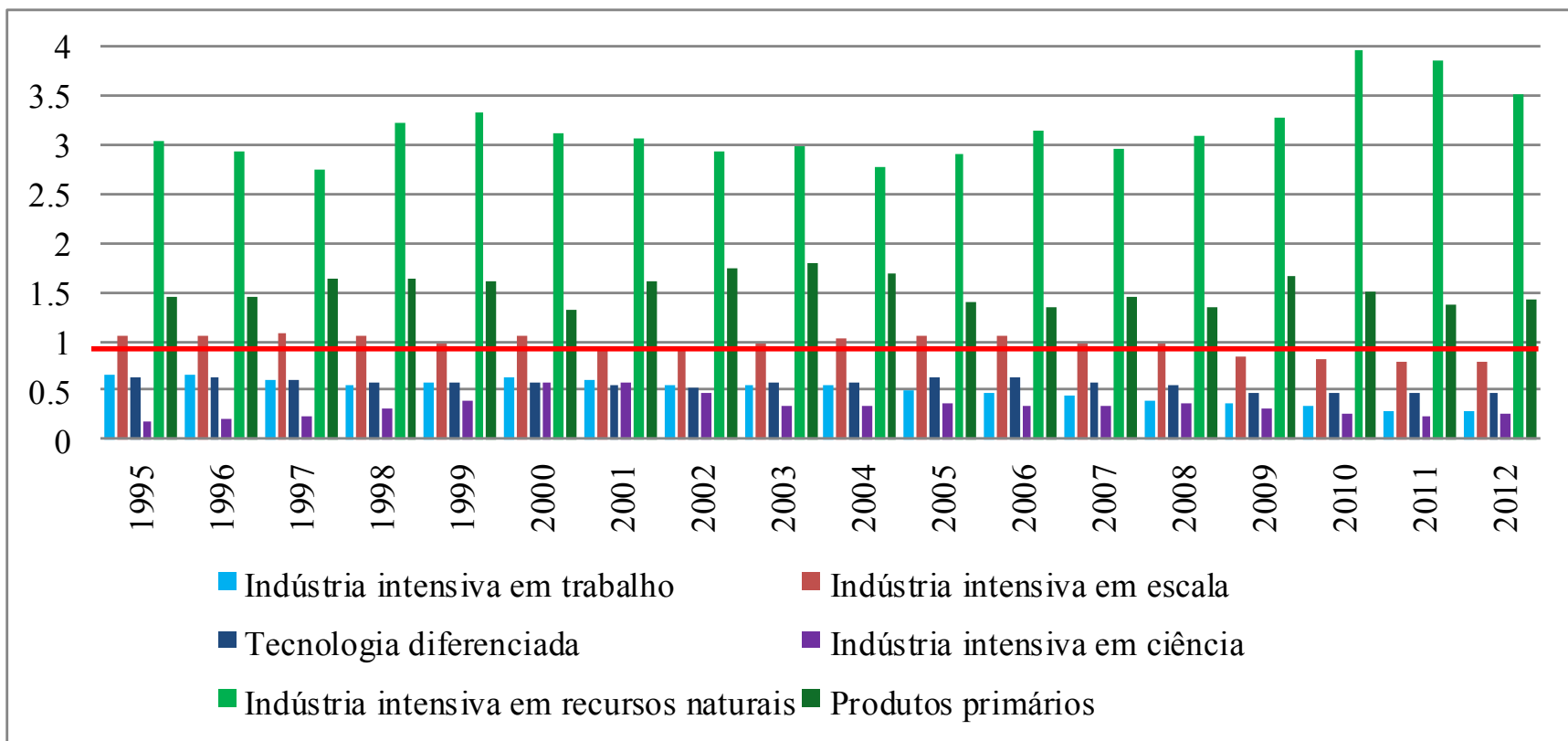
Onde:

- = exportações do grupo setorial i pelo país j ;
- = exportações mundiais do grupo setorial i ;
- = exportações totais realizadas pelo país j ;
- = exportações mundiais totais.

O indicador de VCR procuraria expressar, *a posteriori*, as vantagens relativas de custos de diferentes países a partir de suas especializações comerciais

Reflexos da estrutura produtiva no comércio exterior

**Gráfico 9 – Vantagem Comparativa Revelada (VCR), segundo grupos setoriais
Brasil – 1995-2012**



Fonte: UNCTAD (2013). Elaboração dos autores.

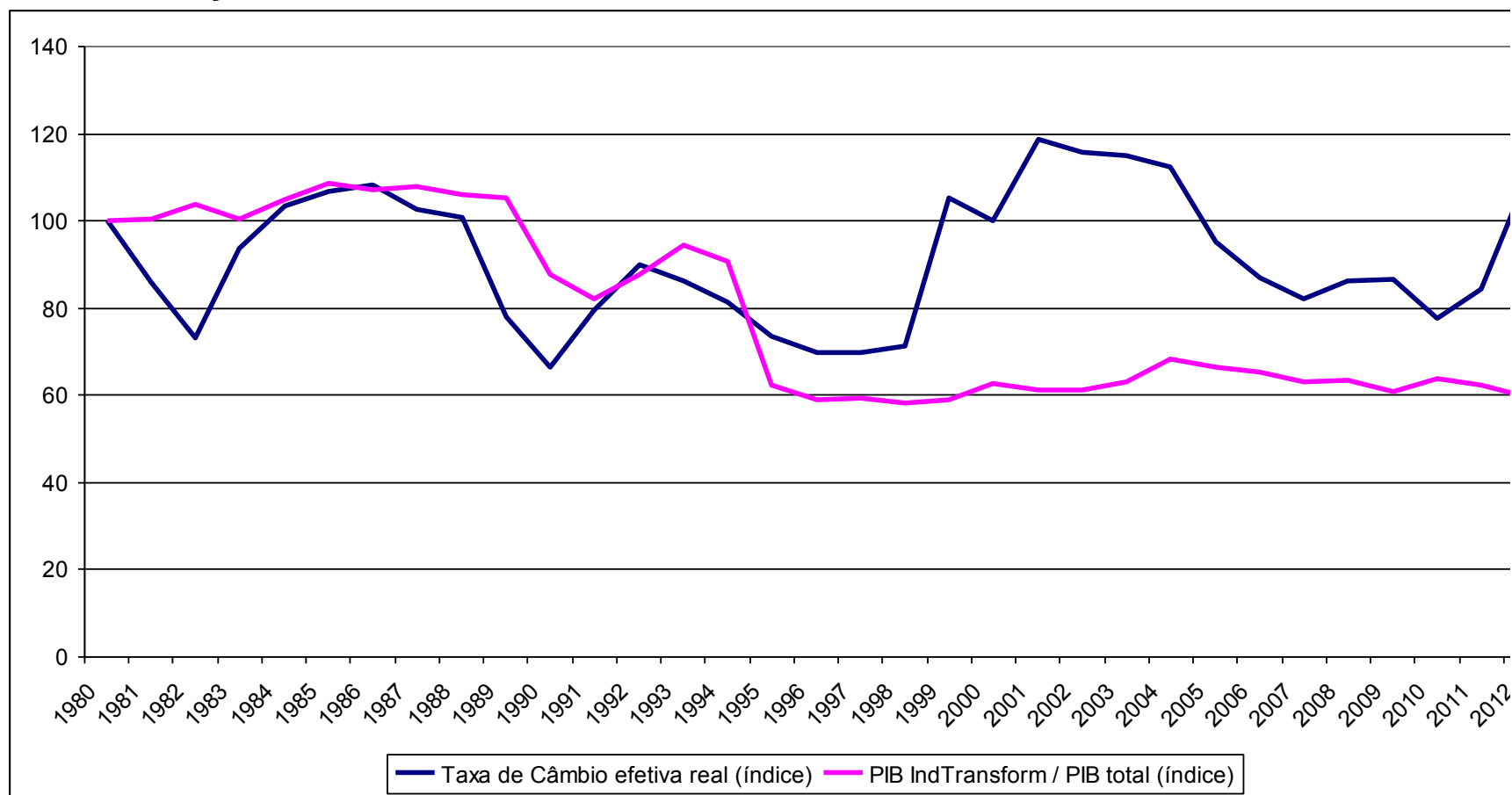
Reflexos da estrutura produtiva no comércio exterior

A atual dinâmica comercial contribui para a constituição de um quadro no qual a capacidade de geração de divisas por meio do comércio exterior de bens, seja altamente dependente da trajetória dos preços das *commodities* primárias e dos produtos intensivos em recursos naturais.

Essa maior dependência em relação a esses produtos, cujos preços e volume exportado são mais sensíveis à conjuntura internacional, pode implicar uma elevação da vulnerabilidade externa estrutural do país na esfera comercial, além do já mencionado entrave ao crescimento econômico sustentado no longo prazo.

Estrutura produtiva e taxa de câmbio

Gráfico 10 – Taxa de câmbio efetiva real e participação da indústria de transformação no PIB



FONTE: IPEADATA (2013).

Estrutura produtiva e taxa de câmbio

Tabela 3 - Modelo painel dinâmico

d.Invti	Coef.	Desv. Pad.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
VTI ₋₁	-0.1224605	0.0807416	-1.52	0.129	-0.280711 0.0357901
RER*A	-1.544023	0.0795943	-19.40	0.000	-1.700025 -1.388021
RER	1.725493	0.2443662	7.06	0.000	1.246545 2.204442
Y ^{br}	0.4606004	0.1931287	2.38	0.017	0.0820751 0.8391257
Y ^w	1.392779	0.3661783	3.80	0.000	0.6750828 2.110476
A	-0.1234476	0.1512994	-0.82	0.415	-0.4199889 0.1730937
Const.	-0.0288101	0.022145	-1.30	0.193	-0.0722136 0.0145934

Sargan chi2(54) = 63.35909 Prob > chi2 = 0.1797

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Nota: Todas as variáveis em logaritmo natural e em primeira diferença.

Estrutura produtiva e taxa de câmbio

Confirma-se a importância do nível da taxa de câmbio para estimular a indústria, assim políticas de taxas de câmbio adequadas é uma condição necessária para que os desafios impostos pela concorrência internacional possam se converter em fatores propulsores do desenvolvimento das nações.

A mera adesão a um ambiente externo de alta concorrência pode acarretar perdas em setores e ramos importantes da indústria nacional, de forma que políticas proativas de desenvolvimento industrial, como a desvalorização da taxa de câmbio, apresentam-se como um recurso para o enfrentamento da concorrência externa e para a construção de vantagens competitivas dinâmicas.

Experiências internacionais de utilização da taxa de câmbio como impulso à indústria

Williamson (2003):

Destaca que a taxa de câmbio é uma variável central em estratégias de desenvolvimento. Sua convicção é baseada na observação do êxito das economias da Ásia Oriental – inicialmente, Hong Kong, Coreia, Cingapura e Taiwan e, em seguida, os países do sudeste asiático. Essas economias passaram por uma fase inicial de industrialização por substituição de importação, dedicando-se à exportação de produtos manufaturados simples e, ao longo do tempo, a fabricação básica expandiu-se e esses países começaram a produzir e a exportar uma gama maior de produtos manufaturados.

Experiências internacionais de utilização da taxa de câmbio como impulso à indústria

Rodrik (2004):

Ressalta que altas taxas reais de câmbio têm desempenhado um importante papel em alguns dos processos mais recentes de aceleração do crescimento. Um exemplo é o que ocorreu com o Chile, desde meados dos anos 1980, quando uma grande oscilação dos preços relativos em favor dos bens comercializáveis acompanhou o crescimento desse país. Mais que uma duplicação da taxa de câmbio real, na sequência da crise chilena de 1982-1983 desempenhou um papel fundamental para promover a diversificação das exportações não-tradicionais e estimular o crescimento econômico.

Experiências internacionais de utilização da taxa de câmbio como impulso à indústria

Rodrik (2007):

Explica que o entendimento da relação entre taxa de câmbio real e crescimento econômico deve considerar a centralidade dos produtos comercializáveis nessa relação. Ao se entender o papel desses bens em gerar crescimento econômico, é possível desenvolver políticas nessa direção. Este autor sugere dois grupos de explicações para a importância dos bens comercializáveis. Um deles enfatiza as falhas contratuais (*contractual weaknesses*), enquanto o outro destaca as falhas de mercado existentes na moderna produção industrial.

Considerações Finais

A análise da estrutura do valor da transformação industrial segundo parâmetros tecnológicos evidenciou mudanças especialmente nos extremos dos setores industriais.

Esse padrão de especialização se reflete na atual dinâmica comercial, porque a capacidade de geração de divisas por meio do comércio exterior de bens é altamente dependente da trajetória dos preços das *commodities* primárias e dos produtos intensivos em recursos naturais.

Quanto ao papel da taxa de câmbio neste processo, destacou-se que o regime de câmbio apreciado foi prejudicial aos setores e ramos tecnologicamente mais sofisticados, favorecendo os ramos tradicionais e as atividades primárias.

Considerações Finais

Dada à influência que a taxa de câmbio exerce sobre a estrutura produtiva, destaca-se que políticas de taxas de câmbio adequadas são uma condição necessária para que os desafios impostos pela concorrência internacional à indústria doméstica possam se converter em fatores propulsores do desenvolvimento econômico.

A mera adesão a um ambiente externo de alta concorrência pode acarretar perdas em setores e ramos importantes da indústria nacional, de forma que políticas proativas de desenvolvimento industrial, como a desvalorização da taxa de câmbio, apresentam-se como um recurso para o enfrentamento da concorrência externa e para a construção de vantagens competitivas dinâmicas.